

Imigração e trabalho precário: Reflexões acerca da chegada da população haitiana no oeste de Santa Catarina

Ana Paula Risson¹

Márcia Luíza Pit Dal Magro²

Maria Luíza de Souza Lajús³

RESUMO

O contexto econômico atual tem transformado o Brasil em importante destino da força de trabalho internacional que migra em busca de melhores condições de vida. Nesse sentido, este artigo pretende realizar reflexões quanto às implicações do recente fluxo migratório de haitianos para a região Oeste de Santa Catarina. A pesquisa aqui apresentada baseou-se no método qualitativo, em que foram utilizados como instrumentos para o levantamento de informações entrevistas semiestruturadas, observação participante e pesquisa documental. Os resultados indicam que os haitianos são motivados a imigrar para o Brasil pela perspectiva de conseguir trabalho formal e melhorar as condições de vida, tendo em vista o contexto de crise econômica e desemprego em seu país de origem. No entanto, a inserção desses trabalhadores se dá especialmente em postos de trabalho precários em função da baixa remuneração e dos riscos de adoecimento. A contratação de haitianos é feita por empresas e indústrias que buscam suprir a falta de força de trabalho local, no entanto, esta população começa a sofrer com o aumento do desemprego. Por fim, os resultados sinalizam para a necessidade de criar políticas públicas específicas para a população imigrante no país, tendo em vista a condição e vulnerabilidade dessa população no que diz respeito à exploração do trabalho.

Palavras-chave: imigração; trabalho precário; haitianos; oeste de Santa Catarina.

RESUMEN

The current economic context has transformed Brazil into major destination of international labor force that migrate in search of better living conditions. In this sense, this article aims to conduct reflections on the implications of the recent migratory flow of Haitians to the West of Santa Catarina region. The research presented here was based on the qualitative method, semi-structured interviews, participant observation and document research were used as collecting instruments. The results indicate that Haitians are encouraged to immigrate to Brazil by the prospect of getting formal employment and improve living conditions, given the context of economic crisis and unemployment in their country of origin. However, the inclusion of these workers happens especially in precarious jobs due to low pay and sickness risks. Hiring Haitians is done by companies and industries that seek to supply the lack of

1 Mestra em Ciências da Saúde (Unochapecó, 2016), especialista em Gestão de Pessoas (Unochapecó, 2014) e graduada em Psicologia (Unochapecó, 2012). Atualmente é professora no Curso de Psicologia, da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc).

2 Doutora em Psicologia (UFSC, 2012), mestre em Psicologia (UFSC, 2006) e graduada em Psicologia pela (Unochapecó, 2003). Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais e do Curso de Psicologia, na Unochapecó.

3 Doutora na área de Serviço Social, Políticas e Processos Sociais (PUCRS, 2010), mestra em Desenvolvimento Social (UCPEL, 1999) e graduada em Serviço Social (UCPEL, 1974). Atualmente é professora do Curso de Serviço Social e do Mestrado em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais, na Unochapecó.

local labor force, however, this population begins to suffer from rising unemployment. Finally, the results indicate the need to create specific policies for the immigrant population in the country, considering the condition and vulnerability of this population regards to the labor exploitation.

Keywords: *immigration; precarious work; Haitians; west of Santa Catarina*

INTRODUÇÃO

No rastro do processo de globalização da economia, a migração internacional tem se intensificado nas últimas décadas, caracterizando-se como um complexo fenômeno da atualidade. Nesse sentido, Sassen (2011) aponta que “a mesma infra-estrutura que facilita os fluxos transfronteiriços de capital, informação e comércio, também possibilita uma diversidade de fluxos que não estavam nas intenções dos autores da atual globalização corporativa das economias⁴” (p. 141).

Dentre os principais motivos que levam uma população a imigrar de seu país de origem, Saladini (2011) destaca a fuga da fome e da pobreza. Assim, de acordo com o citado autor, a imigração tende a ser idealizada como uma possibilidade de melhorar as condições de vida, tanto dos imigrantes como das famílias que permanecem no país de origem. Já na obra organizada por Aragonés (2011), diversos autores debatem a estreita relação entre a imigração e o mercado de trabalho. Nessa direção, a dinâmica do capital, na medida em que cria e destrói postos de trabalho, é apontada como a mola propulsora do processo de migração internacional, definindo os circuitos migratórios da força de trabalho.

Nesta geografia global do trabalho imigrante, ganham destaque especialmente os postos de trabalho precários, que absorvem a maior parte da força de trabalho imigrante na atualidade (SASSEN, 2011; ANTUNES, 2014). Essa precariedade, de acordo com Seligmann-Silva (2011), diz respeito a questões como a insuficiência e a instabilidade que fragilizam os trabalhadores que se submetem a essas atividades. O trabalho precário relaciona-se, assim, com diferentes problemáticas sociais como o aumento dos agravos em saúde do trabalhador, a desregulamentação de direitos trabalhistas e a ampliação da vulnerabilidade social das famílias.

Nos últimos anos, o Brasil tem sido país de origem, trânsito e destino no processo migratório internacional. Todavia, os fluxos imigratórios não representam um fenômeno exclusivo da contemporaneidade já que ao analisarmos a identidade nacional, observamos um país construído “[...] de forma multiétnica e multicultural, na qual os imigrantes tiveram grande influência” (ALMEIDA, 2009, p. 16).

O bom desempenho⁵ do mercado de trabalho nacional até 2014 (PRONI, 2012) colocou o país na rota imigratória de trabalhadores que até então optavam preferencialmente pelo norte global, como Estados Unidos e Europa (SASSEN, 2011). Entre as nacionalidades desses “novos” imigrantes que chegam ao Brasil encontram-se os latino americanos, como os bolivianos, paraguaios e haitianos, e os africanos como senegaleses e cabo-verdianos (SANTOS, 2010).

No presente estudo destacar-se-á o recente processo imigratório da população haitiana ao país, que iniciou após o terremoto que atingiu o Haiti em 2010. Desde então, o número de imigrantes desta nacionalidade tem crescido rapidamente. Esse cenário, conforme Amorim (2012), está gerando debates acerca do processo imigratório e fazendo emergir posicionamentos que variam entre posturas conservadoras e restritivas quanto à entrada dessa população no país, àquelas que cobram reformas nos marcos legais e a instituição de uma política nacional de imigração para melhor atender essa população que chega ao país.

O fluxo imigratório de haitianos para o Brasil possui diversos destinos, dentre os quais o oeste de Santa Catarina, região colonizada no início do século XX por agricultores vindos

4 Tradução livre dos autores.

5 Proni (2012) problematiza e nega a noção de pleno emprego nos dados recentes do Brasil e marca que o mercado de trabalho nacional é marcado por profundas diferenças regionais.

do Rio Grande do Sul, descendentes de alemães, italianos e poloneses (RENK, 1999). Conforme o IBGE (2010), o oeste catarinense é uma região cuja população e economia crescem de maneira acelerada, sendo constituído por 200 municípios e mais de 1 milhão de habitantes. Fazem parte das principais atividades econômicas locais a agricultura familiar e as indústrias processadoras de carnes de suínos, aves e derivados, conhecidas na região como agroindústrias. Essas últimas têm recebido destaque nacional pelas difíceis condições de trabalho (SARDÁ JÚNIOR; KUPEK; CRUZ, 2009; DAL MAGRO, 2012), ao mesmo tempo em que estão entre as principais empregadoras dos trabalhadores haitianos na região estudada.

Com a intenção de contribuir para o debate acerca desse novo fluxo migratório e suas relações com o processo de precarização do trabalho, o presente artigo traz resultados parciais de pesquisa que teve como objetivo identificar como foi o processo de chegada de imigrantes haitianos no oeste de Santa Catarina e sua inserção no mercado de trabalho regional.

MÉTODO

Esta pesquisa se baseou no método qualitativo, o qual permite estudar nos diferentes contextos “[...]a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos [...]” (STRAUSS; CORBIN, p. 23). Para o levantamento de informações foram utilizadas entrevistas semiestruturadas como técnica de pesquisa principal e pesquisa documental e observação participante como estratégias de pesquisa secundárias.

O estudo contou com a participação de 10 (dez) entrevistados, vinculados a dois grupos. O primeiro era constituído por 6 (seis) imigrantes haitianos com vínculo empregatício no oeste catarinense no momento da entrevista, sendo um deles também membro da diretoria de uma associação de haitianos que estava sendo constituída na ocasião da pesquisa. E o segundo grupo composto por 3 (três) profissionais da área de Recursos Humanos de empresas contratantes de haitianos, pertencentes aos setores do comércio, indústria moveleira e indústria de abate e processamento de carnes, e 1(um) membro do sindicato dos trabalhadores da última indústria referida. Como estratégia para identificar esses participantes, utilizou-se a técnica *snowball*, descrita por Baldin e Munhoz (2011). As entrevistas foram realizadas em dois momentos, sendo 8 delas durante o primeiro semestre de 2014 e 2 durante o primeiro semestre de 2015.

A pesquisa documental de acordo com Gil (1994) possui como objetivo a análise dos fenômenos sociais e sua relação com o tempo social, cultural e cronológico em que acontecem. Nesse estudo, os documentos pesquisados foram jornais on-line e impressos, bem como vídeos de documentários e reportagens disponibilizados no Youtube, que abordavam o referido fenômeno migratório.

Já a observação participante foi realizada em dois momentos. O primeiro junto a Conferência Livre de Migração e Refúgio⁶ - organizada pelo Centro de Referência em Direitos Humanos Fronteira Sul da Universidade Federal da Fronteira Sul. O segundo momento de observação ocorreu na Reunião de Trabalho, promovida pela Câmara de Vereadores de Chapecó⁷, com o objetivo de discutir com a sociedade e entidades públicas e privadas a inserção dos imigrantes haitianos no mercado de trabalho de Chapecó. A análise das informações foi feita com base na análise de conteúdo, a qual deu origem a duas categorias que serão abordadas na sequência deste artigo, sendo uma referente ao processo de migração de haitianos para o oeste de Santa Catarina e outra que trata da inserção desses imigrantes no mercado de trabalho local.

6 Ocorrida no dia 13 de março de 2014, no campus da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Estiverem presentes: 64 haitianos; 4 senegaleses; reitor da UFFS; profissionais do Centro de Referência em Direitos Humanos da UFFS (CRDH); voluntários no trabalho de inserção de haitianos na comunidade; integrantes do Sindicato de funcionários das agroindústrias; funcionários do setor de Recursos Humanos de uma agroindústria e docente do Curso de Direito.

7 Ocorrida no dia 21 de outubro de 2014. Estiveram presentes na reunião: 3 haitianos; 1 senegalês; 5 vereadores; Secretária Municipal de Saúde; Secretária Municipal de Educação; Representante da Comissão PRÓ-HAITI (UFFS); Delegado da Polícia Federal de Chapecó; Procurador da República Federal; empresários contratantes de trabalhadores imigrantes; representantes de sindicatos e interessados na temática.

A IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O OESTE CATARINENSE

O Haiti possui uma história marcada por escravidão, disputas de poder, governos ditadores, golpes militares, os quais foram determinantes para a atual situação de pobreza do país (ZAMBERLAM *et al.*, 2014). A difícil condição do Haiti foi agravada pelo terremoto de 7 graus na escala Richter que atingiu o país em 2010, deixando cerca de 230 mil mortos, ferindo outras 300 mil pessoas e desabrigando 2 milhões de vítimas (LIMA; SIMÕES, 2012; FERNANDES; CASTRO, 2014).

As falas de todos os entrevistados haitianos desta pesquisa apontam para uma estreita relação entre a catástrofe produzida pelo abalo sísmico e a imigração dessa população para o Brasil e outros países. Como afirma a Entrevistada 5: “[...] é difícil porque é um país subdesenvolvido então a gente passa necessidade, mas a gente conseguia superar para viver. [...] Daí quando aconteceu o terremoto mudou tudo. Caiu a economia do país e não dá mais, é muita doença, não tem mais trabalho para todo mundo”.

Moraes, Andrade e Matos (2013) afirmam que essa catástrofe, somada a condição histórica de vida da população no Haiti, são a mola propulsora para a imigração desta população. De acordo com os dados do relatório da Organização Internacional para as Migrações - OIM (2014) entre 10% e 30% da população já teria abandonado o país⁸.

Vale apontar que se identificou nas falas dos trabalhadores haitianos que participaram do estudo, que parte deles não tinham como destino final o Brasil quando saíram de seu país. Nesse sentido, aponta o Entrevistado 1: “*Eu fui trabalhar no Equador. No Equador tinha muitas pessoas que falavam do Brasil e me convidaram para vir pra cá. Meu itinerário não era o Brasil, mas no Equador o trabalho dos imigrantes é ilegal.*” Na direção do que aponta o entrevistado, observou-se entre os pesquisados que a facilidade em conseguir o visto no Brasil (se comparado aos Estados Unidos e aos países da Europa) e o acesso que esse documento possibilita ao trabalho formal é determinante para a escolha pelo país como destino final.

Também se observa que há uma rede de contatos e informações entre os imigrantes haitianos entrevistados, a qual é fundamental para a vinda desses trabalhadores para o Brasil. Essa questão é corroborada pela Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2014) que identifica a preferência dos haitianos pelas cidades em que já se constituiu uma rede social de acolhida a esses imigrantes. Essas redes também são acionadas quando se trata de eleger o oeste catarinense para imigrar, como mostra a fala de um profissional que atua em uma das empresas que tem contratado essa população: “*Eles vieram até a fila, então contratamos o primeiro, após isso eles vinham em grupos de cinco, seis, sete haitianos, porque acredito que um acaba ajudando o outro.*”

Outro aspecto que se mostrou fundamental para a escolha desses imigrantes pelo oeste catarinense foi a presença de empregadores na cidade de Brasiléia, no Acre, fazendo seleção e contratação para postos de trabalho em municípios como Chapecó. Nesse sentido, menciona o profissional entrevistado da Empresa 1: “*A primeira vez que a gente foi pra Brasiléia foi em junho do ano passado [2013], e a gente trouxe 86 haitianos. Na segunda vez que fomos, foi no final de outubro [2013], trouxemos 96 haitianos, 93 homens e 3 mulheres.*” Essa empresa viabilizou o transporte de ônibus dos haitianos de Brasiléia até Chapecó, bem como tem disponibilizando auxílio moradia para esses trabalhadores. Segundo o mesmo profissional, “[...] nós alugamos uma casa, montamos essa estrutura de quartos para quatro a seis pessoas. Eles não fazem refeição na casa, nós pagamos um restaurante pra eles tomarem café, almoço e janta, porque a casa não tem condições de ter uma cozinha para tantas pessoas. Desde que eles chegaram, a oito meses, eles não têm essas despesas.” Nesse sentido, observa-se que além do emprego formal, essas empresas inicialmente criaram outras facilidades para atrair esses trabalhadores como a viabilização de moradia e alimentação. No entanto, o membro da diretoria da associação de haitianos destaca que algumas empresas da região que davam este auxílio já pararam de fazê-lo.

Quanto ao número de haitianos no país, ainda não há informações precisas, principalmente por não ser possível contabilizar o número de imigrantes não

⁸ Entre os principais destinos dos imigrantes haitianos estão Canadá, Estados Unidos da América, França, Antilhas Francesas, República Dominicana e Brasil (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013). Neste último país, as principais portas de entrada dos imigrantes são as cidades de São Paulo, Guarulhos (SP), Tabatinga (AM), Epitaciolândia (AC) e Brasiléia (AC) (FERNANDES; CASTRO, 2014).

documentados. Porém, pode-se afirmar que o montante desses imigrantes vem crescendo consideravelmente. Em 2013 o Conselho Nacional de Imigração - CNIg (*apud* MORAES, ANDRADE, MATTOS, 2014) divulgou que em 2010 foram concedidos 4 vistos de permanência para haitianos; em 2011 teriam sido 709 vistos; em 2012, 4.682 vistos. Em 2015 o Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) e o Ministério da Justiça assinaram um ato autorizando 43,8 mil imigrantes haitianos a tirar o visto de residência permanente no País (PORTAL BRASIL, 2015).

Para Zamberlam *et al.* (2014), mais de 60% dos imigrantes haitianos que entram no Brasil encontram-se nos três estados da região Sul. De acordo com este autor, o Paraná possui o maior número destes imigrantes, seguidos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. No estado de Santa Catarina, as maiores concentrações de haitianos ocorrem nas cidades de Chapecó, Joinville, Criciúma, Florianópolis, Blumenau e Brusque.

De acordo com a OIM (2014), a região de Chapecó-SC está entre os dezoito municípios brasileiros⁹ listados pela Polícia Federal, que mais recebem a população haitiana. As informações levantadas por meio da presente pesquisa indicam que a presença desses imigrantes no oeste de Santa Catarina também vem aumentando de forma rápida. Em Reunião de Trabalho promovida pela Câmara de Vereadores de Chapecó em outubro de 2014, o Delegado da Polícia Federal do município apontou que este órgão possuía o registro de aproximadamente 2.000 haitianos residentes nas 84 cidades do oeste catarinense abrangidas por essa delegacia. No entanto, o entrevistado que participa da diretoria da associação de haitianos mencionou que em pesquisa feita por esta organização em 2014, foram contabilizados 2.500 imigrantes desta nacionalidade somente no município de Chapecó.

REFLEXÕES ACERCA DA INSERÇÃO DOS HAITIANOS NO MERCADO DE TRABALHO

O trabalhador imigrante é caracterizado por Vichich (2015, p. 107) como um trabalhador “que migra de um país para o outro com um trabalho que ele não vai exercer por vontade própria”¹⁰. Ou seja, refere-se a um trabalhador que estará sujeito às condições e possibilidades de emprego do mercado de trabalho do país receptor. Nessa direção, Antunes (2014) problematiza que a explosão no número de trabalhadores imigrantes em diferentes países caracteriza-se como “(...) a ponta mais visível do iceberg, no que concerne à precarização das condições de trabalho no capitalismo atual” (p. 33)

De acordo com Zanella (2011) o Brasil é o mais novo receptor de imigrantes que buscam melhores condições de vida, trabalho e remuneração, em função do crescimento da economia e da ampla criação de empregos com alta absorção de força de trabalho. A possibilidade de conseguir um emprego como fator que motivou a escolha do Brasil como destino é apontado pelo entrevistado 3 quando diz: “*Eu tenho muitos amigos que vieram antes de mim e que falavam que podia conseguir trabalho. Diziam que há bastante trabalho.*”

Para Marianno (2012), o fluxo imigratório para o país está diretamente relacionado ao mercado de trabalho nacional, tendo em vista uma espécie de “apagão de mão de obra” que envolve a demanda de dois extremos da força de trabalho. O primeiro está relacionado aos cargos destinados a trabalhadores superespecializados e, o segundo, o qual detém o maior número de vagas, diz respeito aos cargos de nível básico, que exigem baixa qualificação, como aqueles da construção civil e serviços gerais, sendo que é esse tipo de postos de trabalho que vêm sendo empregados os haitianos no contexto pesquisado.

Essa relação entre imigração e trabalho precário é explicada por Sassen (2011), que destaca que as recentes transformações econômicas têm contribuído para o crescimento dos empregos de baixos salários nos centros econômicos mais desenvolvidos do mundo.

⁹ De acordo com relatório sobre a imigração haitiana para o Brasil, os dados da Polícia Federal indicam 267 municípios de residência dos haitianos no Brasil. No entanto, apenas 18 deles receberam mais de 75% desses imigrantes.

¹⁰ Tradução livre dos autores.

Para o autor, esse fenômeno que a princípio parece ser um indicador econômico positivo em países como o Brasil, acaba por gerar novas formas de pobreza entre os trabalhadores, as quais estão centradas no emprego.

O relatório sobre a imigração haitiana para o Brasil traz que a ocupação declarada pelos haitianos ao solicitar o visto no país é especialmente aquelas da construção civil para homens e do setor de serviços para mulheres (OIM, 2014). Na região oeste de Santa Catarina, os resultados desta pesquisa indicam que os trabalhadores imigrantes têm ocupado as vagas disponíveis nas grandes empresas da região, entre as quais se destacam as indústrias de alimentos. Nesse sentido, o representante do Sindicato das indústrias de abate e processamento de carnes mencionou que somente em Chapecó, 2000 trabalhadores haitianos estavam empregados no setor em fevereiro de 2015. Desses, apenas 25 eram associados ao sindicato da categoria.

Os dados oriundos das entrevistas, da observação da *Conferência Livre para Migração e Refúgio* e das reportagens veiculadas na mídia indicam que os trabalhadores imigrantes têm ocupando postos de trabalho em que há escassez de força de trabalho local. Nesse sentido, um dos profissionais de Recursos Humanos entrevistados, ao ser questionado sobre o motivo para a contratação de haitianos, respondeu: “*Contratamos eles a partir da falta de mão de obra que a gente tem aqui na região*” (Empresa 1). Esta situação foi reafirmada por outro profissional, de outro setor econômico: “*Pela grande dificuldade em encontrar mão de obra que temos e por que entendemos serem pessoas com potencial para trabalharem na empresa*” (Empresa 3).

Cabe destacar que os postos de trabalhos que vêm sendo ocupados por esses imigrantes geralmente são aqueles de nível básico que oferecem salários baixos e difíceis condições de trabalho. Nesta direção, o Entrevistado 4 diz: “*Nós trabalhamos muito, mas pouco dinheiro. Você não ganha nada*”. Na mesma direção aponta o membro do sindicato dos trabalhadores da indústria de alimentos “*As empresas se beneficiaram dessa tragédia que aconteceu no Haiti. (...) A gente percebe que eles (os imigrantes) são colocados nos postos de trabalho mais penosos*”.

O fenômeno observado neste estudo vai ao encontro do que discute Sassen (2011) sobre a tendência dos trabalhadores imigrantes ocuparem os postos de trabalho mais precários, caracterizados pela baixa exigência educacional e baixa remuneração, os quais não oferecem oportunidades para o trabalhador crescer profissionalmente e que com frequência são indesejáveis para a população nativa. Isso pode tornar-se fonte de conflito entre os trabalhadores imigrantes e os trabalhadores locais, como acena a reportagem transmitida pelo programa *Fantástico*, no dia 17/08/2014, que apresentou a percepção de moradores de uma cidade do Rio Grande do Sul acerca da chegada de imigrantes no local. Um dos entrevistados desta reportagem disse: “*O pessoal daqui vai perder emprego por causa disso. Porque por qualquer mixaria eles estão trabalhando*”. Essa fala indica que a inserção da força de trabalho imigrante possibilita a manutenção da precariedade dos postos de trabalho oferecidos pelo mercado, caracterizando-se como uma ameaça às conquistas trabalhistas e gerando insegurança nos trabalhadores locais (REDE GLOBO, 2014). Isso é corroborado pela fala do membro da presidência da associação de haitianos quando diz: “*Têm colegas que percebem preconceito, que ouvem das pessoas que eles estão aqui para pegar o emprego dos brasileiros*” (entrevistado 6).

A precariedade dos postos de trabalho ocupados pelos haitianos foi um dos temas debatidos na *Conferência Livre para Migração e Refúgio*. Na ocasião, foram apontadas dificuldades como a falta de comprometimento das empresas quando buscam e trazem os haitianos para trabalhar; as promessas feitas no Acre que não são cumpridas na empresa; salário baixo, reduzindo as remeças de valores para os familiares no Haiti e as condições de trabalho nas agroindústrias que acarretam no adoecimento.

As dificuldades do trabalho em setores como as indústrias de alimentos e a construção civil, são destacados por diversos estudos como os de Moreira e Júnior (2005), Brasil (2009), Sardá Júnior *et al.* (2009), Dal Magro (2012). Nas indústrias de alimentos, as difíceis condições de trabalho estão relacionadas à rotatividade e dificuldade em preencher o quadro funcional, bem como ao adoecimento dos trabalhadores (Dal Magro, 2012). O reconhecimento acerca da possibilidade de adoecimento pelo trabalho pode ser observado na fala do entrevistado 6 quando diz: “*Nós percebemos que as pessoas ficam doentes com o trabalho nos frigoríficos, isso não acontece de uma hora para outra, vai levar um tempo, mas para mim daqui a pouco vai ficar todo mundo doente. Mas a gente*

não tem o que fazer, é o emprego que tem”.

À necessidade de subsistência e à oferta de empregos de baixa qualidade, alia-se a necessidade de acumular dinheiro para enviar aos familiares que ficaram no Haiti. Estes aspectos coadunam para que os trabalhadores imigrantes se submetam às condições de trabalho dos postos oferecidos como menciona o entrevistado 3: *“Eu vim para trabalhar, economizar e ajudar minha família que ficou [no Haiti]”*. Ou como diz o entrevistado 4 *“Eu estou trabalhando aqui porque não tenho mais emprego lá. Agora eu trabalho para ajudar eles, minha esposa, minha filha e minha família, todos ficaram no Haiti”*. Isso vai ao encontro do que aponta Carignato (2004) o qual menciona que frequentemente o trabalhador imigrante tem interesse em acumular poupança, mesmo que para isso necessite aceitar qualquer tipo de trabalho, inclusive aqueles de baixo prestígio ou de difícil execução. Corroborando com esta ideia, Saladini (2011) aponta que o trabalhador imigrante é utilizado como mão de obra barata e descartável, e possui seus direitos fundamentais desrespeitados. A necessidade de ajudar familiares, também faz com que os trabalhadores haitianos com frequência tenham mais de um emprego, o que foi expresso na fala dos dois grupos de entrevistados (trabalhadores e profissionais).

Vale destacar que estudos como os de Sassen (2011) indicam que as remessas de dinheiro que chegam aos países exportadores de força de trabalho caracterizam-se como um recurso alternativo para a sobrevivência dos familiares que ficam. Quanto ao Haiti, a autora aponta que de acordo com o Banco Mundial, o país ocupa o quarto lugar entre os que recebem as maiores remessas como proporção do Produto Interno Bruto (PIB).

Ao longo do trabalho de campo desta pesquisa observou-se uma mudança no que diz respeito à oferta de empregos para estes trabalhadores imigrantes, a qual está relacionada com a desaceleração da economia especialmente a partir 2015. Em um primeiro momento observamos que, apesar das condições que faziam com que os trabalhadores haitianos se submetessem a ocupar os postos de trabalho mais precários, alguns permaneciam nessas ocupações por algum tempo e acabavam procurando outras alternativas. Nesse sentido, aponta o entrevistado 1 que trabalhava na ocasião em uma indústria de alimentos: *“(…) se algum dia eu achar alguma coisa melhor eu vou sair de lá. Todo mundo faz isso, né?”*

Identificou-se que a busca por melhores salários era, então, a principal razão para a mudança de emprego dos imigrantes e para a imigração desses trabalhadores dentro do Brasil. A exemplo disso, três haitianos que participaram da presente pesquisa trabalhavam e residiam em uma cidade no momento da entrevista, logo em seguida passaram a residir e trabalhar em outras cidades. Ou seja, no período de seis meses, três dos entrevistados migraram de cidade dentro do país, todos motivados pela busca de melhores salários. Como diz o entrevistado 3: *“O único problema é o salário que é muito baixo. A quantidade de dinheiro que é muito baixa. [...] Tenho um amigo em Balneário Camboriú que vai me ajudar a arrumar um emprego lá”*.

No entanto, a recente crise econômica começa a atingir essa população em função da falta de trabalho. Nesse sentido, o membro da associação de haitianos aponta que: *“A maior dificuldade que temos agora é com as pessoas desempregadas, as empresas dizem que não têm vaga. Eu tenho vinte pessoas que estão entre três e cinco meses desempregadas. Eu fui para uma reunião com membros de outras associações do estado e todos apontam para esse mesmo problema”* (Entrevistado 6). Esse contexto segundo o entrevistado, aumenta a submissão dos imigrantes às difíceis condições de trabalho no país: *“Mesmo com as dificuldades que tem (referindo-se ao trabalho nas agroindústrias) se a gente sair onde vamos trabalhar?”*.

As questões acenadas mostram a maior vulnerabilidade do imigrante estrangeiro aos problemas socioeconômicos de modo geral e à precarização estrutural do trabalho. Nesse sentido, Martine (2005) compreende que os problemas iniciam quando o aumento da população imigrante não é acompanhado pelo crescimento das oportunidades, pois os países acabam atraindo essas pessoas, mas, ao mesmo tempo, bloqueando sua entrada legal, ou então privando-a de segurança e condições humanas de permanência. Assim, conforme apontam Amorim (2012) e Almeida (2009) se torna fundamental a criação de mecanismos e instituições que possam estabelecer políticas e medidas promotoras de mais proteção e bem-estar a esses trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa identificou-se que o fluxo imigratório de haitianos para o Brasil possui relação direta com a atual condição de vida no Haiti e com a facilidade de obtenção de visto e o acesso que esse possibilita ao mercado de trabalho formal. Já o oeste catarinense é destino final dos haitianos por conta das ofertas do mercado de trabalho e da rede social de acolhida que se constituiu no território. Assim, constatou-se que vem ocorrendo um grande aumento da população haitiana na região estudada.

A princípio, esse fluxo imigratório foi impulsionado pela presença de empresas catarinenses em uma das principais portas de entrada desses imigrantes no Brasil. A busca dessas empresas pela força de trabalho haitiana deu-se como uma possível solução para um problema: a falta de força de trabalho em postos operacionais e trabalhos mais precarizados. Nesse sentido, os principais empregadores desses imigrantes na região estudada são as indústrias de abate e processamento de carnes. No entanto, a desaceleração da economia começa a atingir esses trabalhadores com o desemprego, aumentando a condição de risco e vulnerabilidade desta população.

A entrada maciça desses imigrantes tem diversos impactos sociais para a população local, bem como para os próprios trabalhadores imigrantes, que precisam ser melhor acompanhados pelas empresas que mobilizam esse fluxo migratório. Cabem ainda diversos estudos que avaliem os impactos sociais, culturais, econômicos desencadeados pela entrada dessa população na região estudada. Neste sentido, sugerem-se como possibilidade de pesquisas futuras, temas que emergiram na presente pesquisa, mas que em função dos limites da mesma não puderam ser explorados, como: as condições de vida dos haitianos no Brasil; o acesso aos serviços de saúde destes imigrantes; as implicações da falta de uma política pública específica para os mesmos. Também vale o registro de que durante a pesquisa identificou-se um considerável fluxo imigratório de Senegaleses para esta região e que também merece ser estudado.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. Desenhando a nova morfologia do trabalho e suas principais manifestações. In: MERLO, A.; BOTTEGA, C.; PERZ, K. **Atenção à saúde do trabalhador: Sofrimento e transtornos psíquicos relacionados ao trabalho**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.
- AMORIM, S. G. Contextualização do debate brasileiro acerca das migrações internacionais: uma análise a partir do caso haitiano. In: **Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 8º, 2007, Aguas de Lindóia, SP.
- ALMEIDA, P. C. Conselho Nacional de Imigração (CNIg): Políticas de Imigração e Proteção ao Trabalhador Migrante ou Refugiado. In: **Cadernos de debates: Refúgio, Migrações e Cidadania** (2009). v.4, n.4. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2009.
- ARAGONÉS, A. M. (Org.). **Mercado de Trabajo y migración internacional**. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Económicas, 2011.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. **X Congresso de educação ambiental - EDUCERE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná / PUC-PR. Curitiba: 2011.
- BRASIL (2009). **Anuário Estatístico da Previdência Social 2009**. Ministério da Previdência Social. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/conteudoDinamico.php?id=990>. Acesso em: 01 jul. 2015.
- CARIGNATO, T. T.O lugar do sujeito nas migrações contemporâneas. In: DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José de. (Orgs.) **Psicologia e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- DAL MAGRO, M. L. P. **Entre a saúde e a norma: a atenção à saúde dos trabalhadores das agroindústrias do oeste de Santa Catarina**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2012.
- FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria Consolação (Orgs.). **Projeto de estudos sobre a migração**

haitiana ao Brasil: diálogo bilateral. Belo Horizonte: Ministério do Trabalho e Emprego / PUC Minas, 2014.

GIL, A. C.. **Métodos e Técnicas de pesquisa social.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1994.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. **Histórico do município de Chapecó – SC.** Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/23CLC>. Acesso em: 12 jul. 2015.

LIMA, J. B. B.; SIMÕES, G. F. **Programas de suporte a refugiados, asilados e apátridas no Brasil:** uma abordagem exploratória. 1º Seminário Nacional de Pós-Graduação em Relações Internacionais, FINATEC – Brasília (DF), julho de 2012.

MARIANNO, L. D. Isso é trabalho de imigrante. Aportes sobre migração, gênero e trabalho no Primeiro Testamento. **Revista Internacional de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 20, n. 39, p. 229-243, jul./dez. 2012.

MARTINE, G. A globalização inacabada migrações internacionais e pobreza no século 21. São Paulo, **São Paulo Perspectivas**, v.19, n. 3. set./2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300001. Acesso em: 01 jul. 2015.

MORAES, I. A.; ANDRADE, C. A. A.; MATOS, B. R. B. A imigração Haitiana para o Brasil: Causas e desafios. **Revista Conjuntura Austral.** n. 20, out. /nov. 2013.

MOREIRA, J.; JUNIOR, L. **Segurança e saúde no trabalho da construção: experiência brasileira e panorama internacional.** Brasília: OIT, 2005.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA MIGRAÇÕES (OIM). **Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral.** Relatório de pesquisa. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: [file:///D:/Arquivos/Downloads/RELATORIO%20PESQUISA%20HAITIANOS%20vers%C3%A3o%20final%2027-04-14%20\(1\).pdf](file:///D:/Arquivos/Downloads/RELATORIO%20PESQUISA%20HAITIANOS%20vers%C3%A3o%20final%2027-04-14%20(1).pdf). Acesso em: 01 jul. 2015.

PORTAL BRASIL. Cidadania e Justiça. **Brasil autoriza residência permanente a 43,8 mil haitianos.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/brasil-autoriza-visto-de-residencia-permanente-para-43-8-mil-haitianos>. Acesso em: 25 abr. 2016.

PRONI, Marcelo Weishaupt. O debate sobre a tendência ao pleno emprego no Brasil. **Revista Economia & Tecnologia (RET).** v. 8. N. 2, p. 23-50, 2012.

REDE GLOBO. **Número de pedidos de refúgio cresce 800% em quatro anos no Brasil.** Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/08/numero-de-pedidos-de-refugio-cresce-800-em-quatro-anos-no-brasil.html>. Acesso em: 20 dez. 2014.

RENK, Arlene. **Migrações:** de ontem e hoje. Chapecó: Grifos, 1999.

SALADINI, Ana Paula. **Trabalho e imigração:** os direitos sociais do trabalhador imigrante sob a perspectiva dos direitos fundamentais. Jacarezinho, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência Jurídica). Programa de Mestrado em Ciência Jurídica, Universidade Estadual do Norte do Paraná.

SARDÁ JÚNIOR, J. J.; KUPEK, E.; CRUZ, R. Preditores biopsicossociais de incapacidade física e depressão em trabalhadores do setor de frigoríficos atendidos em um programa de reabilitação profissional. **Acta Fisiátrica.** v.16, n.2, p 76-80, 2009.

SASSEN, S. Dos enclaves en las geografías globales contemporáneas del trabajo. In: ARAGONÉS, Ana M (Org.). **Mercado de Trabajo y migración internacional.** México: UNAM, Instituto de Investigaciones Económicas, 2011.

SANTOS, M. O. Os “novos estrangeiros”. In: FERREIRA, Ademir, VAINER, Carlos, PÓVOA NETO, Helion, SANTOS, Miriam de Oliveira (Orgs). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções.** Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

SELIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e desgaste mental:** o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez, 2011.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa:** técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VICHICH, Nora Pérez Las políticas migratorias regionales y los derechos de los trabajadores: perspectivas y desafíos. In: PRADO, Erlan José Peixoto do; COELHO, Renata (Orgs.). **Migrações e trabalho.** Brasília: Ministério Público do Trabalho, 2015. p. 107 – 126.

ZAMBERLAM, Jurandir et al. **Os novos rostos da imigração no Brasil:** haitianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Solidus, 2014

ZANELLA, V. G. As condições de vida e trabalho de costureiras em São Paulo: uma aproximação com migrantes bolivianas. In: **II Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, II, 2011, Londrina. Anais do simpósio, Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina.